

Benito di Paula  
e filho juntos no  
Qualistage

PÁGINA 2



Adam Sandler dá  
a volta por cima e  
vira ator cult

PÁGINA 13



Pão de queijo, a  
delícia mineira que  
reina no Rio

PÁGINA 16



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

**A** história tem jeito de lenda urbana, mas é a mais pura verdade. Numa noite de outubro de 1981, João Barone emprestou sua precária bateria para uma banda de nome engraçado fazer sua primeira apresentação, na Universidade Rural, em Seropédica. Tinha conhecido a rapaziada do grupo horas antes. Faltando poucos minutos para o show, o baterista não apareceu. Coube a ele assumir as baquetas. Mais de quatro décadas depois, a história consagrada dos Paralamas do Sucesso é narrada por alguém que jamais perdeu um show da banda: justamente João Barone.

Em “1,2,3,4! Contando o tempo com Os Paralamas do Sucesso” (Ed. Máquina de Livros), Barone faz um mergulho na trajetória da banda, com desconcertante sinceridade e uma incrível riqueza de detalhes. Ele busca na infância simples o fascínio pela bateria e lembra os primeiros passos ao lado de Herbert Vianna e de Bi Ribeiro no início dos anos 1980, antes da fama: os lendários ensaios na casa da Vovó Ondina, as tardes com os amigos na Praia de Ipanema, a gravação da demo que virou sensação no Rádio Fluminense FM...

“Poucas pessoas têm o privilégio de passar 40 anos exercendo uma mesma atividade. No meu caso, tocar bateria nos Paralamas me proporcionou conhecer o mundo inteiro sem gastar nenhum tostão, como diz o verso de Melô do marinheiro. Sou a prova de que os sonhos podem se tornar realidade”, diz Barone.

O livro faz um passeio pela trajetória da banda, ao longo de 84 (curtos) capítulos. Barone fala sobre o contrato



Barone revela no livro como acidentalmente conheceu Herebert e Bi e acabou entrando para a banda

Marcio Farias/Divulgação

para o primeiro disco, o convívio com outros grupos da geração, as farras nas turnês pelo Brasil e o apoteótico show no Rock in Rio de 1985, que mudou o patamar dos Paralamas. Numa narrativa precisa e embalada de afeto, ele revela ainda os bastidores das gravações de cada disco e como nasceram alguns dos inúmeros sucessos do trio. Barone reconstitui ambientes e diálogos, botando o leitor na cena dos acontecimentos.

“Minha motivação foi preservar as lembranças dos muitos episódios da nossa jornada até aqui, repleta de alegrias, aflições, amores, tristezas, ansiedades, comédias e tragédias. E de um ponto de vista único e muito especial: sentado atrás de uma bateria”, explica.

As lembranças de Barone são aguçadas. Ele detalha desde os contratemplos em viagens até a vitoriosa carreira internacional da banda, que se tornou fenômeno na América Latina e desbravou a Europa – inclusive, abrindo a primeira grande turnê solo de Brian May, logo após o fim do Queen. O livro traz também momentos delicados e de extrema emoção, especialmente ao narrar o acidente de ultraleve com Herbert, em 2001, e as semanas de agonia que se seguiram, até a volta triunfal da banda.

Com prefácio do jornalista José Emilio Rondéau e orelha de Elisabete Pacheco, o livro traz ainda mais de 80 imagens do acervo pessoal de Barone – quase todas inéditas –, que incluem manuscritos de letras, credenciais de shows históricos, documentos e cartazes do início da carreira.

Barone fará lançamentos em várias cidades do país. A primeira noite de autógrafos será nesta terça-feira (20) na Livraria da Travessa, do Shopping Leblon.

# O observador COM AS BAQUETAS NA MÃO

João Barone conta em livro a história dos Paralamas

Murilo Alvesso/Divulgação

## CORREIO CULTURAL

Reprodução



Gena Rowlands em imagem de 1968

## Gena Rowlands morre aos 94

A atriz Gena Rowlands, indicada duas vezes ao Oscar e conhecida por estrear os principais filmes do cineasta John Cassavetes, seu primeiro marido, morreu nesta quarta-feira (14), aos 94 anos.

Ela com a família em sua casa, no estado americano da Califórnia. A causa da morte não foi divulgada. Em junho deste ano, Nick Cassavetes, filho de Rowlands, informou que a atriz sofria há cinco anos da doença de Alzheimer.

Nos filmes, interpretou mulheres fortes e problemáticas. Ela foi indicada ao Oscar em 1975, por "Uma Mulher sob Influência" e em 1981, por "Glória". O papel no primeiro rendeu à artista um Globo de Ouro.

## O Rei continua

Ao contrário das especulações na mídia, o especial de fim de ano de Roberto Carlos na Globo, que faz 50 em dezembro, deve continuar. A equipe do artista se reuniu nesta quinta-feira (15) com a emissora e foi informada de que não há nenhuma intenção de encerrar a atração.

## Saber indígena

O Rio sediará neste mês encontro inédito de mulheres indígenas, anciãs, lideranças Tupinambá e de outras matrizes. O projeto Guanabara Pyranga coloca em pauta o resgate da memória territorial da Baía de Guanabara, com diversas atividades gratuitas.

## O Rei continua II

O especial estreou em 25 de dezembro de 1974 e se tornou parte da programação natalina de muitos lares brasileiros. O especial só não foi gravado em momentos excepcionais: a morte da mulher do cantor, Maria Rita, em 1999; e a pandemia, em 2020.

## Saber indígena II

As atividades acontecem no Centro de Artes da UFF, em Niterói; na Quinta da Boa Vista e na Fundação Progresso. RJ. Entre os destaques da programação, está o Conselho Tamuya, encontro entre diversas lideranças indígenas que trará a memória da Confederação dos Tamoios.



Benito di Paula e Rodrigo Vellozo: pai e filho juntos no palco do Qualistage neste sábado (17)

# Benito di Paula e Rodrigo Vellozo do jeito que a vida quer

Pai e filho levam ao Qualistage show da turnê de lançamento de EP com novos arranjos de canções do pianista que revolucionou o samba

Por Affonso Nunes

Quem poderia imaginar um pianista ressignificando o samba com canções autorais que não saem da boca do povo? Pois este é Benito di Paula, músico que saiu de Nova Friburgo para conquistar o Brasil. No rastro da celebração de seus 80 anos, que resultou no projeto "Benito 80: Novo Samba Sempre Novo" (2022) - em que 17 artistas interpretam seu cancionário - e do disco de inéditas "O Infalível Zen" (2021), o veterano e seu filho, Rodrigo Vellozo, apresentam o EP "Do Jeito Que A Vida Quer" em show especial no Qualistage neste sábado (17).

"O repertório será composto de sucessos da carreira do meu pai e pelo nosso último EP, mas também irá incluir canções ligadas às

nossas memórias afetivas, à nossa história. Além de 'O Infalível Zen', faixa título do álbum lançado por nós em 2021; e 'O Mestre-sala da Minha Saudade', meu álbum-solo de 2020", adianta Rodrigo. O show contará com banda completa acompanhando pai e filho no palco, num formato diferente das últimas apresentações da dupla, caracterizadas por uma formação mais intimista.

"Este lançamento (o EP) é um entendimento no qual chegamos a considerar a obra de Benito como um dos fundamentos da construção estética do samba a partir da década de 1970. Partimos também da compreensão da grandiosidade da importância do samba, do pagode e de seus expoentes dentro da cultura popular brasileira", explica Rodrigo, cantor, compositor e instrumentista com formação em música e teatro e que transita com desenvoltura

em ambos. Sua estreia fonográfica se deu em 2009 com o excelente "Samba de Câmara", um trabalho de releituras de clássicos do gênero com arranjos classudos ao piano.

Benito Di Paula, nome artístico de Uday Vellozo, começou tocando em bares e hotéis de sua cidade natal. Mudou-se para o Rio e, em seguida, migraria para São Paulo - onde os músicos que atuavam na noite ganhavam bem mais. Antes de começar a compor, já era um intérprete experiente e tarimbado, dominando vários estilos musicais, mas brilhou ao inovar o samba, introduzindo o piano em suas apresentações. Levou as suas músicas para o mundo inteiro, passando por México, Japão, Estados Unidos, Angola, Argentinhas e outros. Entre os seus maiores sucessos destacam-se "Charlie Brown", "Mulher Brasileira", "Retalhos de Cetim", "Do Jeito Que a Vida Quer" e "Ah, Como Eu Amei".

Com mais de 35 discos gravados, Benito di Paula é até hoje um dos maiores vendedores de disco do Brasil, tendo parte importante de sua obra relançada em CD e posteriormente migrada para as plataformas digitais - só no Spotify o artista tem mais de meio milhão de seguidores.

## SERVIÇO

## BENITO DI PAULA E RODRIGO VELLOZO

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 17/8, às 21h | Ingressos a partir de R\$ 75

Henrique Grandi/Divulgação

# O Angra em outra rotação

Banda se apresenta em formato acústico e recebe Vanessa Moreno e Kiko Loureiro

**B**anda de heavy metal de prestígio internacional, o Angra promove neste domingo (18) um show diferente no Qualistage.

Além de se apresentar em formato acústico, o quarteto recebe a cantora de MPB Vanessa Moreno e se reencontra como o guitarrista Kiko Loureiro, ex-integrante do grupo americano Megadeth e do próprio Angra.

A despedida do músico do Angra aconteceu no aclamado show no Rock in Rio em 2015. Após nove anos, o músico retorna aos palcos com sua antiga banda – da qual fez



O Angra desbrava mais a fundo um formato com o qual costuma flertar em alguns trabalhos

parte por mais de 20 anos –, para participar desta performance acústica. A parceria com Vanessa é mais recente, mas também bastante produtiva. Ela cantou a aclamada “Here in the Now” no último disco do Angra, “Cycles of Pain” (2023), e repetiu a dose no clipe da faixa, gravado ao vivo em Curitiba no ano passado.

Desbravando mais a fundo um formato com o qual o grupo flertou desde o início da

carreira, a atual turnê acústica do Angra apresenta canções reestruturadas, criando uma roupagem diferenciada para importantes músicas de sua história, trazendo essa nova abordagem e reforçando a musicalidade do quinteto para o público em geral. A turnê acústica ainda fará mais duas apresentações em Curitiba (30/8) e Santiago do Chile (1/9).

Formado em 1991, o Angra logo alcan-

çou o status de uma das maiores bandas de heavy metal do Brasil de alcance global. Com álbuns icônicos e extensas turnês pelas Américas, Europa e Ásia, solidificou uma fiel base de fãs. Vendeu mais de 3 milhões de discos em todo o mundo, alcança meio milhão de ouvintes no Spotify mensalmente e soma mais de 50 milhões de visualizações no YouTube.

## SERVIÇO

### ANGRA ACÚSTICO

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 18/8, às 20h Ingresso a partir de R\$ 70

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Rom Jom



### Da lama ao caos

Uma noite não foi suficiente e, atendendo a uma enxurrada de pedidos, a Nação Zumbi volta ao Circo Voador pra celebrar os 30 anos de “Da Lama ao Caos”, álbum histórico e fundamental. Gravado com o eterno Chico Science (1966-1997), o disco é o marco zero do movimento Manguebeat com sua sonoridade absurdamente inovadora, que mescla funk, rock, maracatu, embolada, psicodelia e música africana.

Lucca Mezzacappa/Divulgação



### Nova persona

A cantora e compositora Silvia Machete lança o segundo álbum da trilogia “Rhonda: Invisible Woman” nesta sexta (16) no Teatro Rival Petrobras. O trabalho desdobra o projeto que revelou uma nova persona artística de Silvia, explorando novos territórios sonoros. O repertório autoral foi novamente composto em inglês por Silvia e Alberto Continentino, músico, compositor e parceiro da cantora em todas as faixas.

Divulgação



### É pro Donato

Gilson Peranzetta apresenta seu novo projeto “Aprendi com Donato”, título da música que compôs dedicada ao amigo e artista genial, que o inspirou e dá nome ao álbum instrumental lançado por Peranzetta pelo selo Mills Records e ao show que acontecerá no Blue Note Rio neste sábado (17), dia em que João Donato completaria 90 anos. Neste show, Peranzetta relê as mais conhecidas composições de mestre.

Marcos Vieira/Divulgação



### Uma noite de hits

Com um repertório recheado de sucessos que marcaram sua carreira e canções nacionais e internacionais, o multi-instrumentista Milton Guedes apresenta nete sábado (17), às 20h, no Teatro Cesgranrios, um show com a mistura de estilos musicais que fazem sua cabeça. Hits de Tim Maia, Djavan, Michael Jackson, Stevie Wonder e mashups de Roberto e Erasmo Carlos e Black Eyed Peas, Beyoncé e Fábio Jr, entre outros.

Templo da música de concerto recebe o Afoxé Filhos de Gandhi

# Atabaques na Cecília Meireles

João Teodoro Ribeiro/Divulgação



O Afoxé Filhos de Gandhi é o mais antigo dos 36 blocos afro da cidade

**T**radicional espaço da música de concerto, a Sala Cecília Meireles será neste sábado (17) o palco da comemoração dos 73 anos do Afoxé Filhos de Gandhi, o bloco afro mais antigo do Rio de Janeiro. Os atabaques vão ressoar na Lapa numa celebração que exalta ancestralidade e resistência. A festa “Axé Rio apresenta Orquestra de Tambores” faz parte do projeto Axé Rio, com ingressos a preços populares. O evento ainda contará com a participação do Grupo Cultural Afro Filhos de Angola, Maxambomba, Grupo Afro Cultural Imalê Ifê e do Tafaraogi Afro-reggae, alguns dos 36 blocos afro ativos na cidade.

Além dos atabaques, vai ter samba de roda, afoxé e samba black. Uma novidade da noite será o clássico “Samba do Avião”, de Tom Jobim, executado em ritmo de afoxé. “A

canção enaltece o Rio de Janeiro, fala de sua beleza, do samba. Misturar o samba com afoxé, portanto, traz uma novidade que nos aproxima, une duas vertentes afro-brasileiras”, justifica Célio Oliveira, presidente do Afoxé Filhos de Gandhi Rio.

“Estamos fazendo um recital para as instituições e para o públi-

co em geral. Quero trazer nosso povo preto, nossas yalorixás, nossos babalorixás, em uma grande festa para o povo negro. Será uma satisfação ver a Mãe de Santo cruzando o tapete vermelho, toda bem paramentada, para ouvir a música preta”, explica Célio.

A presença feminina no tradi-

cional bloco é um ponto a ser destacado. Entre seus 250 componentes, 80 são mulheres. “As baianas sempre desfilarão no Gandhi Rio. Na verdade, as mulheres sempre participaram do bloco, mas nos bastidores. Depois, acabaram entrando de forma mais efetiva. Hoje, o número de mulheres na parte ad-

ministrativa é bem maior do que o de homens”, afirma Célio.

Localizado na região da Pequena África, na Gamboa, um dos locais mais importantes e simbólicos para a população negra, a sede do Afoxé Filhos de Gandhi Rio, um casarão antigo na rua Camerino, é histórica. Lá era um dos pontos de engorda dos negros escravizados quando desembarcavam na cidade. Doentes e famintos eram cuidados para estarem aptos para serem vendidos. O casarão fica em um ponto estratégico na região e vem testemunhando todo o esforço, persistência e resistência da administração de Célio para criarem atividades para além do carnaval. “Nossas festas estão enchendo e temos a intenção de viajar para fazer shows. A associação realiza os cortejos de afoxé, rodas de samba. As oficinas de percussão, música e dança também movimentam e chamam a atenção”, comemora o presidente do bloco.

## SERVIÇO

### AFOXÉ FILHOS DE GANDHI RIO - 73 ANOS

Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47) | 17/8, às 18h30  
Ingressos: R\$ 30

## CRÍTICA / DISCO / TEU CORAÇÃO

# Um EP caprichado

Por Aquiles Rique Reis\*

Repito aqui o que já disse em momentos parecidos como este: quando estou diante de um trabalho de algum colega que admiro, eu me derreto. Não tem conversa. Simples assim. Apaixonadamente assim. Não há nada mais prazeroso do que ouvir algo que eu já imaginava ser primoroso e concretizar a expectativa máxima. Gente, tenho aqui no meu som de cada dia o EP de Vânia Bastos, “Teu Coração”, lançamento do selo Mins Música.

Antes, porém, de falar sobre esse trabalho, gravado a partir de canções inéditas compostas por Roberto Menescal (duas) e Cristovão Bastos (duas), com versos de Márcia Tauil e arranjos de Ronaldo Rayol, digo-lhes que acompanho a carreira dessa paulista de Ourinhos

desde que ela começou nos anos 1980 como vocalista da banda de Arrigo Barnabé, com atuação marcante na Vanguarda Paulistana. Lembram?

A voz de Vânia é única, seu jeito de cantar é original. Desprovidas de exageros, as interpretações de seu eclético repertório são marcadas pela capacidade de não se ater a modismos ou salamaleques, demonstrando sempre que, graças à sua personalidade, a discrição se impõe. E a música agradece. Vamos às canções.

“Teu coração” (Cristovão Bastos e Márcia Tauil): com arranjo de Ronaldo Rayol, o piano de Cristovão Bastos abre com efeitos de pads. Vânia canta com delicade-



Divulgação

za igual à do piano. As cordas e o teclado (JG Junior) se entregam à beleza. O baixo, nas mãos de Cristovão, conduz a levada discreta. O violão de Rayol emerge num breve intermezzo, amparado pela sóbria percussão de JG Junior. Com atmosfera propícia à sua voz afinada e bela, Vânia reina.

“Tamos Ai” (Roberto Menescal e Márcia Tauil): a partir de flauta e teclados (Ronaldo Rayol), o samba vem balançado. O violão se junta aos pianos acústico e elétrico e ao baixo, mais os pads (todas nas mãos de Rayol), e dão a Vânia o jeito de cantar e criar vocalises plenos de suíngue. A percussão (JG Junior) incorpora molho ao ritmo.

“Entre Nós” (Roberto Menescal e Márcia Tauil): violão e flautas abrem. A melodia de Menescal soa ainda mais bela na voz de Vânia. O arranjo é pura finura. Um ligeiro reverber amplia a harmonia e incrementa o som de teclado e flauta. O violão improvisa alguns compassos. O baixo e a percussão en-

gordam o balanço. Ficha técnica: pads, arranjos de flautas e cordas, violões e baixo (Ronaldo Rayol); teclados e percussão (JG Junior).

“Lágrima”\* (Cristovão Bastos e Márcia Tauil): outra linda canção de Cristovão e Márcia. Vânia segue no show de dicção e respiração absolutamente corretas — uma intérprete irrepreensível —, daquelas de se ouvir para nunca mais esquecer e voltar a ouvir novamente e sempre. Ficha técnica: piano, pads e baixo (Cristovão Bastos); arranjo de cordas, violões e vocais (Ronaldo Rayol); teclados e percussão (JG Junior).

Ouvindo o cantar dela, sente-se uma tal felicidade... quer saber? Vânia Bastos está na luta, de onde, aliás, nunca se afastou, graças a Deus!

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Praia & serra & hotéis sesc RJ & você

Os Hotéis Sesc RJ contam com a melhor estrutura para você curtir férias inesquecíveis ao lado da família ou amigos.

Nossas Unidades são pet friendly e possuem uma localização privilegiada, atendimento acolhedor e programações especiais para você desfrutar dos principais pontos turísticos de cada local.

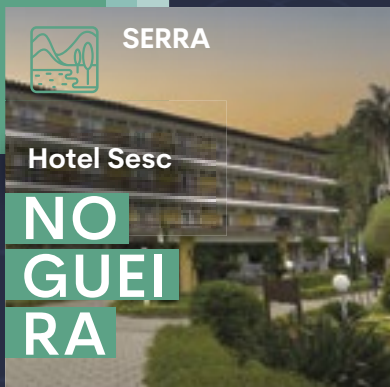
E sabe do melhor? Ainda tem tarifas especiais para os credenciados Sesc.



SERRA

Hotel Sesc

**NO  
GUEI  
RA**



SERRA

Hotel Sesc

**ALPI  
NA**



SERRA

Hotel Sesc

**NOVA  
FRIBUR  
GO**



PRAIA

Hotel Sesc

**COPA  
CABA  
NA**



PRAIA

Hotel Sesc

**CABO  
FRIO**



PRAIA

Hotel Sesc

**GRUS  
SAÍ**



vem viver **OS** HOTÉIS **sesc** RJ



Leia o QR Code e conheça os hotéis do Sesc e tarifas especiais.



Reservas:  
(21) 4020-2101



@sescrj

**sesc**

# Inquietudes do santo filósofo

Renato Mangolin/Divulgação



**Reflexões de Santo Agostinho seguem dialogando com a humanidade no século XXI, mostra montagem com atuação de Eduardo Rieche**

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

**“**Inquieto Coração – 15 anos” comemora a data com apresentação, pela primeira vez, na Barra da Tijuca. São apenas quatro apresentações na Sala Eletroacústica da Cidade das Artes. Com direção de Henrique Tavares e texto e atuação de Eduardo Rieche, a montagem joga luz sobre o lado humano de Santo Agostinho (354 d.C.-430 d.C) e todas as questões que moveram seu inquieto coração na direção do autoconhecimento e do conhecimento do mundo intangível da espiritualidade

**A atuação de Eduardo Rieche é comovente na medida que o recorte das palavras de Santo Agostinho transcendem as limitações de um monólogo**

A atuação de Eduardo Rieche é comovente na medida que o recorte feito das palavras de Santo Agostinho leva o espetáculo além das limitações de um monólogo. Ao mesmo tempo que a plateia se comove, a reflexão do santo/filósofo faz com que as questões levantadas se transformem em um diálogo com o nosso próprio pensamento.

“Chamou-me a atenção o fato de que alguém que viveu nos séculos IV e V – isto é, muito antes

das noções de pessoa, sujeito e personalidade serem “inventados” – já havia escrito uma “autobiografia” (o clássico ‘Confissões’). Era o ‘eu’ ganhando um espaço literário pela primeira vez na história. E havia um método para essa introspecção e esse autoexame psíquico”, destaca Eduardo Rieche.

A adaptação foi feita com base nas edições brasileiras de “Confissões” e “Solilóquios”; na edição espanhola de “A Cidade de Deus” e na edição portuguesa de “A Trindade”. Foram utilizadas, também, algumas cartas e sermões de Santo Agostinho.

“A vida é uma passagem do infinito de onde saímos para o infinito aonde vamos. E, desde que

entramos neste corpo mortal, a morte nunca mais deixou de estar a vir. Não há ninguém que não esteja mais perto dela no fim do ano do que estava antes,

e amanhã mais do que hoje, e hoje mais do que ontem, e nesse instante mais do que agora há pouco, pois o tempo que se vive é vida que se corta, e cada dia que passa é menos vida que nos fica. O tempo da nossa vida é caminho para a morte, onde não está previsto nenhum segundo de atraso. Por isto, o homem nunca está propriamente em vida: é mais um morto do que um vivo – já que não pode estar simultaneamente morto e vivo”, afirma Santo Agostinho em trecho da segunda cena de “Inquieto Coração”.

Um dos méritos do espetáculo é transcender o viés religioso e dogmático do santo/filósofo em algo que trata da essência humana, o que é feito com profundidade. “A obra de Santo Agostinho é vasta e plural. O adjetivo ‘inquieto’ do título diz respeito ao próprio desassossego da alma agostiniana, e sua incessante busca por respostas as mais diversas. Respostas que nós buscamos até hoje!”, observa o ator.

“Ao mergulhar em sua própria vida psíquica, ele acabou tocando em temas universais que, curiosamente, têm muitos pontos de convergência com vários autores e pensadores modernos. Vários de seus questionamentos seriam revisitados e/ou aprofundados muito tempo depois – na filosofia, por Descartes e Kierkegaard; na psicanálise, por Freud; e, na literatura, por Proust e Joyce, por exemplo”, acrescenta.

Este eixo de “modernidade” foi, aliás, o que guiou Eduardo nesta adaptação. “Procurei extrair das obras de Santo Agostinho aquilo que me parecia mais relevante para o homem contemporâneo, e, naturalmente, que pudesse despertar um interesse cênico. Há uma impressionante atualidade ali – e o resultado é que há quem pense que seus textos foram escritos nos dias atuais. Acredito que o que continua nos aproximando de Santo Agostinho é a aventura do pensamento e a alegria do conhecimento – que, no caso dele, passa também pelo coração. Na filosofia agostiniana, viver é inseparável do sentir”, comenta o ator.

Eduardo nos conta que seu próximo projeto será uma montagem do texto “Os fuzis da Sra. Carrar”, de Bertolt Brecht, com direção de Victor García Peralta. O espetáculo deve estreiar no primeiro semestre de 2025, no CCBB-RJ.

## SERVIÇO

**INQUIETO CORAÇÃO - 15 ANOS**

Sala Eletroacústica - Cidade das Artes (Av. das Américas, 5.300, Barra da Tijuca)  
Até 25/8, aos sábados (20h) e domingos (19h) Ingressos: R\$ 60 e R\$30 (meia)

## CRÍTICA / TEATRO / PIANO BAR

Marcos Morteira/Divulgação

Dois  
pra lá,  
dois  
pra cáPor Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Existem fatos que despertam um enorme interesse. Sobretudo aqueles que misturam comédia da vida privada, Instagram, Tik Tok ali à nossa frente, ao vivo, vivíssimo, a cores com todas as cores. A peça “Piano Bar” é daquelas pequenas jóias que o teatro nos premia, de quando em vez. Um sábado, um casal batendo DR em um bar, com a trilha sonora provocando todas as situações: ódio, amor, separação, volta, ressentimentos do passado, grandes e doces lembranças.



Entre risadas e sorrisos, ‘Piano Bar’ fala de nossos impasses

Acerta ao usar a técnica site specific, aquela em as obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Assim, a plateia fica livre para bisbilhotar o que se passa em cena sem qualquer pudor. Daí o texto utiliza naturalmente as limitações da três regras do teatro

clássico - um só cenário, tempo real e verossimilhança - para apresentar o jantar de Regina (Stela Celano) e Marcelo (Leandro D’Melo).

O texto de João Batista é uma cornucópia de diálogos rápidos, curtos, sem alongamento com forte significado, pois tem o eco daquelas

situações pelas quais passamos, em algum momento de nossas vidas. A gargalhada vem fácil porque é o eco do famoso bordão “um dia vamos rir disso tudo” e também de nos rever, de forma especular, em todo o ridículo da vida, como já dizia o poeta.

A direção da premiada Sueli Guerra, apesar do espaço diminuto, consegue uma movimentação muito natural, pois inteligente e hábil se afasta de qualquer hipótese de falseamento. O grande prazer, a cereja do bolo é a presença e interpretação de ator e cantor Greg Young, músico exímio com ótima atuação.

As delícias mineiras, o café coado, nos levam de volta a uma situação que nos impele a satisfazer nossa curiosidade. “Piano Bar” confirma a máxima freudiana: Quando José fala de João, José está falando de José. Regina e Marcelo não falam de Regina e Marcelo. Entre risadas e sorrisos, falam de nossos impasses.

**SERVIÇO**

PIANO BAR

Café Arte Manuedu (Rua Dezenove de Fevereiro, 17, Botafogo)  
Até 29/8, às quartas e quintas (20h30)  
Ingressos: R\$ 60 R\$ 30 (meia)

**NA RIBALTA**

POR CLÁUDIA CHAVES

## Utopia comunitária

Com texto de Caio Fernando Abreu, “A Comunidade do Arco-Íris” está em cartaz até o dia 25 no Teatro II do CCBB Rio. Na trama com Bianca Byington, Raquel Karro, Tiago Herz e grande elenco, brinquedos e seres mágicos decidem viver numa comunidade na floresta, longe do mundo dos humanos, onde não há poluição e nem consumo desenfreado. A chegada de três gatos provoca discussões sobre confiança, respeito, amizade e democracia. A direção é de Suzana Saldanha. Sábados (15h), domingos (11h e 15h). Sessão extra neste sábado (17), às 11h.

Crédito Kika Antunes/Divulgação

Bia Póvoa/Divulgação



## Construir tolerância

Repleta de significados e de combate ao racismo religioso, “Menina Mojubá” coloca no centro do debate a necessidade de desconstrução de um pensamento arraigado em nossa sociedade que demoniza as práticas religiosas de matriz africana, propondo um olhar mais humano e menos mistificado. Primeiro espetáculo da cia Iboru Produções, a peça acumula 17 prêmios e 24 indicações. Com dramaturgia e atuação de Marcela Treze e direção de Gabriel Gama, com os deslumbrantes figurinos de Wanderley Gomes, o espetáculo chega ao Teatro Léa Garcia até o dia 24, sempre às 19h.



Divulgação



## Três mulheres Luzias

Dentro das atividades pelo Mês da Visibilidade Lésbica, o Queerioca promove a estreia de “Luzia”, um espetáculo de teatro sapatão, reivindicando e afirmando um gênero próprio, com direção de Cristina Flores e dramaturgia de Laura Castro. Uma história atravessada pela existência de três Luzias: uma dramaturga, atriz, diretora teatral baiana, sapatão; uma personagem também sapatão, vivendo e morrendo durante a pandemia no Brasil; e ainda a Luzia, do Museu Nacional, com seu crânio queimado e agora 80% reconstruído. Em cartaz nos sábados de agosto.

**SHOW****JOSÉ AUGUSTO**

\*O cantor e compositor lança a turnê "Histórias em Canções – 50 anos", uma apresentação repleta de memórias e emoções. Sex (16), às 21h. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85). A partir de R\$ 90 (meia)

**ANJOS DA LUA**

\*Formado pelos músicos Sandrinho Farofa, Sergio Krakowski, Roberta Nistra, Pedro Holanda, Rubinho Jacobina e Jade Perrone, o grupo toca sambas clássicos. Sex (16), às 18h. Al Farabi Bar e Sebo (Rua do Mercado, 34). Grátis

**CELEBRARE**

\*A banda chega aos 30 anos e apresenta as canções mais marcantes desta trajetória. Sex (18), às 21h. Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 45 (meia) e R\$ 90

**THE FEVERS**

\*A banda, que comemora 59 anos de carreira, promete fazer todo mundo cantar, dançar com sua nove turnê "Do Vinil ao Digital". Sáb (17), às 20h, no Imperator (Rua Dias da Cruz, 170 - Méier). R\$ 92 e R\$ 46 (meia)

**TEATRO****EM NOME DA MÃE**

\*Solo com Suzana Nascimento ressignifica a história de Maria e os preconceitos por ela sofridos numa sociedade patriarcal. Até 29/8, qua e qui (20h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel 804, Glória). Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

**UM SÓ**

\*Uma disputa acirrada. Apenas um participante sairá vitorioso e terá sua vida transformada. Esta é a premissa do espetáculo em cartaz no Estúdio Filmin (Rua São Clemente, 104 - Sobrado - Botafogo). Até 15/9, aos sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

**O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN**

\*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois caubóis acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

*Em Nome da Mãe*

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação

*Quebra-Cabeça - Em Busca da Peça que Falta***A CENA (NÃO) MUDA**

\*Inspirado em espetáculo emblemático de Maria Bethânia em 1974, peça traça um paralelo entre aquele período opressivo e o que não mudou em 50 anos de Brasil. Até 29/8, qua e qui (19h). Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

**SENHORITA JULIA ENTRE 2 MUNDOS**

\*Adaptação do clássico do sueco August Strindberg conta a história de um romance impossível entre a filha de um conde e um criado. No Brasil de 2024, o diretor Henrique Pinho provoca a temporalidade do texto, afim de revelar o que mudou com o passar das épocas e o que permanece intacto. Até 31/8, sex e sáb (21h), na Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 - Lapa). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Divulgação

**Celebrare**

Santiago Harte Aralume/Divulgação

**Um Só**

Divulgação

**José Augusto****PORTÁTIL**

\*Como foi que os seus pais se conheceram? Esta pergunta desencadeia a trama deste espetáculo de improvisação com Luciana Paes, Gregorio Duvivier, João Vicente de Castro e Gustavo Miranda. Até 1/9, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 60 e R\$ 120

**FURDUNÇO DO FIOFÓ DO JUDAS**

\*Carregado de brasilidade, o enredo viaja até o interior do Nordeste para contar a história de quatro mulheres, prostitutas e donas de um bordel, que recebem a visita de um forasteiro que vai abalar as estruturas do cabaré. Até 1/9, sex e sáb (19h) e dom (18h). Teatro Dulcina (Rua Alcindo Guanabara, 17, Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Guga Millet/Divulgação

**Gui Albuquerque**

Divulgação

**O Toque dos Tambores Chineses****HUMOR****EU GAGO E ANDO**

\*O humorista Gui Albuquerque faz da gagueira ferramenta deste stand-up com histórias hilariantes. Até 30/8, qui e sex (20h). Teatro Ziembinski (Rua Urbano Duarte s/nº - Tijuca). A partir de R\$ 30

**INFANTIL****QUEBRA-CABEÇA - EM BUSCA À PEÇA QUE FALTA**

\*Como se cria uma peça? Como se inventa uma história? Juntos, atores e público quebram a cabeça até encontrar a resposta neste espetáculo de improvisação, comédia e fantasia. Até 1/9, sáb e dom (16h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

**EXPOSIÇÃO****ANNA BELLA GEIGER - ENTRE O RELEVO E O RECORTE**

\*Um mergulho no universo multifacetado de uma das mais influentes artistas plásticas brasileiras do século 20. Até 8/9, ter a dom (10h às 19h). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Grátis

**SOBREPOSIÇÕES**

\*O artista plástico Nando Paulino apresenta pinturas com formas e cores que se fundem para transmitir ao espectador os estados emocionais da condição humana. Até 8/9, de qua a dom (16h às 21h). Espaço Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163). Grátis

**CASA-TEMPO: ASSENTAMENTOS**

\*O artista visual carioca Thiago Modesto apresenta xilogravuras que retratam o componente rural na ocupação urbana de regiões como Jacarepaguá e a Baixada Fluminense. Até 31/8, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Grátis

**LUZES DA COREIA**

\*Um mergulho em uma das mais populares tradições coreanas a partir da experiência imersiva. As milenares lanternas coloridas de seda dialogam com elementos cenográficos contemporâneos. Até 25/8 no Museu de Arte Contemporânea (Mirante da Boa Viagem, s/nº). De ter a dom (10h às 18h). R\$ 16 e R\$ 8 (meia)

**PAISAGENS RUMINADAS**

\*Retrospectiva do artista plástico Luiz Zerbini, considerado um dos mais emblemáticos representantes do movimento conhecido como Geração 80. Até 2/9, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

**EVENTO****50 ANOS BRASIL-CHINA**

\*A Orquestra Forte de Copacabana promove o Festival 50 anos Brasil e China, com show do grupo, exposição de fotos e números artísticos chineses, como o Toque dos Tambores Chineses, a Dança do Dragão, Kung Fu e até degustação de chá e demonstrações de caligrafia chinesa para o público. Sáb (17), às 19h30. Forte Copacabana (Praça Cel. Eugênio Franco, 1, Posto 6). Grátis

# Fecho à moda Hong Sangsoo

Jens Koch/Divulgação Berlinale



Mais prolífico cineasta da Coreia do Sul e um dos mais produtivos do mundo encerra a caça ao Leopardo de Ouro de Locarno, que vibrou com filme do iraniano Mohammad Rasoulof



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

S eis meses depois de ter conquistado o Grande Prêmio do Júri da Berlinale 2024 com “A Traveler’s Needs”, o sul-coreano Hong Sangsoo, considerado o mais prolífico cineasta autoral da atualidade, parte para a Suíça, com a incumbência de encerrar a seleção competitiva de outro dos mais prestigiados festivais do mundo: Locarno. Na noite desta sexta-feira (16), plateias helvéticas hão de aplaudir (e se inquietar com) “By The Stream”, segundo longa-metragem do diretor neste ano.

É um dos títulos mais esperados da competição pelo Leopardo de Ouro, na qual um dos principais

destaques é uma prata da casa: “The Sparrow in the Chimney”, de Ramon Zürcher, sobre o (des)acerto de contas entre irmãs.

Na trama de Sangsoo, uma professora chamada Jeonim pede a seu tio que dirija um esquete teatral a ser apresentado pelo departamento de sua escola. Todos os dias, Jeonim vai a um riacho próximo para desenhar e tentar entender seus padrões. Seu tio decide dirigir o esquete por causa de suas lembranças de ter se apresentado nessa mesma universidade 40 anos antes. Surge um incidente escandaloso entre os alunos, e Jeonim e seu tio acabam se envolvendo. As marcas básicas da estética minimalista do realizador estão todas lá: falação, contemplação de situações banais do dia a dia, dilemas existenciais.

“Eu filmo situações do dia a dia que são simples. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo operei a câmera. Só preciso de alguém para captar o som. Com isso, o orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também”, disse Sangsoo ao Correio da Manhã antes das filmagens de “A Traveler’s Needs”, ao lançar “Lá Em Cima” (“Walk Up”), no Festival de San Sebastián na Espanha. “Nem tudo o que aparece em cena precisa de uma explicação ou de uma conexão direta com a narrativa. Eu posso ser capturado pela imagem de um gato correndo, registrá-la e supor que faz sentido estético tê-la na edição de uma história que é absolutamente alheia àquele animal. Ele está ali só por fazer parte do mundo, por ter me oferecido um momento que,

filmado, gera um sentido artístico”.

Aos 63 anos, Sangsoo (seu sobrenome é grafado Sang-soo ou Sang-Soo em alguns eventos) aposta num tipo de narrativa que não é capaz de agradar com unanimidade, apesar de ter entusiasmado a curadoria de Locarno, chefiada por Giona A. Nazzaro. Nada desse incansável fazedor de longas-metragens é unânime. Apesar disso, é surpreendente a habilidade que Sangsoo tem de criar, e não só na direção. Ele filma, escreve, fotografa, edita, compõe a trilha sonora e produz. Sua Jeonwonsa Film Co. Production consegue dar conta de sua estética enxuta.

No dia em que lançou “A Traveler’s Needs” na Berlinale, sua protagonista, Isabelle Huppert, deu uma definição curiosa para o modo como ele trabalha. “Hong não trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia”, disse a diva europeia, que trabalhou com ele antes em “A Câmara de Claire” (2017) e “A Visitante Francesa” (2012). “Neste novo encontro nosso, eu até levei a roupa da personagem. O problema foi ter que tomar o Makgeolli, uma bebida típica com aspecto de leite, doce, mas... forte. Eu não bebo... quer dizer, só bem pouco”.

Este ano, na competição oficial de Locarno, há outro gigante asiático: o chinês Wang Bing. Ele concorre com o documentário “Youth (Hard Times)”. Foi selecionada uma coprodução do Brasil com a Alemanha, a França, a própria Suíça e a Tailândia chamada “Transamazonia”, com direção da sul-africana Pia Marais. Integram ainda o certame títulos como “Timestalker”, de Alice Lowe e “Bogancloch”, de Ben Rivers. Essa turma será julgada por um time presidido pela

cineasta austríaca Jessica Hausner (de “Clube Zero”).

Para as sessões da Piazza Grande, a praça central da cidade, Nazzaro convocou o mais premiado dos longas-metragens do último Festival de Cannes: o iraniano “The Seed of The Sacred Fig”, do iraniano Mohammad Rasoulof. O filme saiu da Croisette com o Prêmio Especial do Júri, o Prêmio do Júri Ecumênico e o Prêmio da Crítica. O cineasta está condenado à prisão em sua terra natal pelas críticas de seus filmes ao regime vigente por lá, mas teve condições de prestigiar a projeção em Locarno.

Na trama, um juiz entra em paranoia ao se sentir perseguido e começa a se voltar de forma violenta contra suas filhas e sua mulher. “Venho de uma cultura submetida à tirania, pois o Estado Islâmico é capaz de tudo”, disse Rasoulof em Cannes. “Por que meu governo tem tanto medo das histórias que contamos?”.

Ao 52 anos, o realizador, egresso de Xiraz, precisou fugir de sua pátria para conseguir expressar sua voz autoral pelo mundo, tendo seu passaporte confiscado pelas autoridades do Irã, que o considera uma ameaça à integridade nacional. “Dei instruções à equipe para que terminasse o filme caso eu fosse preso. Quando a sentença de que eu seria detido saiu, fui para casa e me despedi das minhas plantas, depois dei um jeito de sair”, explicou o diretor, que por já ter sido trancafiado antes conhecia meios não tão legais de escapar, por rotas alternativas que o levaram à Alemanha. “Este é um filme sobre doutrinação, sobre o que acontece quando você deixa alguém, ou alguma ideologia tomar conta de sua mente”, disse o realizador, que ganhou o Urso de Ouro de 2020 com “Não Há Mal Algum”. “Não tenho medo da intimidação”.

Em suas retrospectivas, Locarno finaliza neste sábado uma homenagem aos cem anos da Columbia Pictures e exhibe “Mulher de Verdade” (1954), de Alberto Cavalcanti (1897-1982). Em seu rol de tributos, o festival helvético destinou troféus honorários para a diretora Jane Campion e para a atriz Irène Jacob.

ENTREVISTA / MARCO TULLIO GIORDANA, CINEASTA

# 'O algoritmo é o contrário da poesia'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m meio ao vastíssimo sortimento de propostas estéticas que fazem de Locarno um dos mais prestigiados festivais do mundo, um melodrama italiano sobre rejeição arrebatou corações no evento suíço, que encerra sua 77ª edição neste sábado, amparado numa grife autoral que está completando 45 anos de direção. Marco Tullio Giordana, um realizador milanês de 73 anos, é a cabeça e o coração por trás de “La Vita Accanto”, um dos principais sucessos da programação de longas-metragens regida sob a curadoria de Giona A. Nazzaro.

Em 1980, o diretor esteve lá com “Maledetti Vi Amerò” (conhecido internacionalmente como “To Love the Damned”) e foi laureado com o Leopardo de Ouro, o prêmio mais disputado da competição helvética. Desde então, emplacou cults como “Os Cem Passos” (Melhor Roteiro no Festival de Veneza em 2000) e o épico “O Melhor da Juventude” (Prêmio de Júri Popular no Festival de Roterdã). Voltou a Locarno não só para exibir uma tocante trama familiar, mas também para receber uma láurea honorária pelo conjunto de sua obra.

Em “La Vita Accanto”, Giordana conta com um roteiro assinado por um titã da direção, Marco Bellocchio, hoje em cartaz no Brasil com “O Sequestro do Papa”



Divulgação

(2023). A trama que encantou a Suíça narra a dor de uma jovem rejeitada pela mãe ao nascer com uma marca de nascença que se transforma numa pianista ao seguir os passos de sua tia musicista. Em entrevista ao Correio da Manhã, o cineasta milanês explica a dimensão folhetinesca do longa e o vínculo que tem com a tradição cinéfila da terra de Fellini e Antonioni.

**“La Vita Accanto” promove uma cartografia de solidões ao falar do abandono sofrido pela jovem Rebecca e sua relação tumultuada com a mãe, cercada do apoio incondicional do pai e da irmã gêmea dele, sua tia que é craque no piano. O quanto essas figuras solitárias refletem o vazio existencial do presente?**

**Marco Tullio Giordana:** São

quatro solidões que correm em paralelo, presas numa armadilha afetiva da qual não se pode fugir. O código de sangue que as une parece ampliar as angústias daquela redoma sentimental onde estão confinadas. A escolha de ter personagens gêmeos me dá a chance de ampliar o tema da cumplicidade dentro de uma narrativa sobre pessoas que buscam uma conexão. Aprendi com o cinema de Luchino Visconti, e seus filmes magníficos, a contar o máximo possível sobre a condição humana ao me centrar na cumplicidade.

**O senhor é parte de uma filmografia que revelou algumas das mais relevantes vozes autorais da História, nas telas. Bellocchio é uma dela. Como foi a parceria com ele?**

Esse projeto nasce de um romance de Mariapia Veladiano e Bellocchio queria filmá-lo há muito tempo. Ele chegou a fazer uma versão do roteiro, tentou rodá-la, mas acabou desistindo. Quando ele me mostrou o script, eu gostei muito do que li e ele se propôs a me produzir. Na ocasião, ele falou: “Meta a mão no que escrevi e faça do seu jeito, siga o seu próprio caminho”. Vendo o filme aqui em Locarno, percebo que fiz algo completamente diferente do que ele fazia. A experiência de ser produzido por um artista é algo singular, por que você sente estar trabalhando com alguém que pensa na arte em primeiro plano e, não, no orçamento, nas contas.

**Quando o senhor fala em seguir o seu próprio caminho, fica**

**uma questão acerca da visão de autor que rege seu cinema. Que caminhos o senhor persegue ao filmar?**

Beatrice Barison, que interpreta Rebecca em sua fase adulta em “La Vita Accanto”, não é uma atriz profissional e, sim, uma pianista. Fiz essa escolha porque eu não queria truques. Não queria filmar as mãos de uma dublê que soubesse tocar bem ao piano e depois compor com o rosto de uma estrela. Queria alguém que tocasse ao vivo, e com brilho. É uma decisão que reflete o cuidado que eu sempre tive com o realismo. Não tolero a hipótese de iludir a plateia, pois quero que a verdade se desnude em cena, diante da câmera. Não foi fácil seguir o caminho que trilhei pois sempre tive dificuldade de conseguir dinheiro para fazer os meus filmes, mas busquei a liberdade. Em qualquer época, sob qualquer forma de governo, a liberdade deve ser conquistada e não dada.

**Ainda é possível manter a liberdade nestes tempos de salas de cinema vazias, por conta de uma evasão do público para o streaming?**

Muitos produtos que eu vejo hoje nas plataformas são guiados por algoritmos. O algoritmo é o contrário da poesia, pois quando percebemos as fórmulas, a essência se perde. É como olhar para uma construção arquitetônica e só enxergar o cimento armado. A harmonia da arquitetura criativa se perde. Hoje, eu vejo o público do audiovisual preso em fórmulas, confinado a uma ideia estúpida de controle. A sobrevivência do cinema de hoje para o futuro só pode se dar com o desapego dessas convenções.



**Pode é um filme com elenco 99% masculino ser feminista? O faroeste brasileiro 'Oeste Outra Vez' mostra que é isso possível, ao retratar o vazio de seus personagens homens**

# Crônicas de vidas vazias

Faroeste brasileiro 'Oeste Outra Vez' mostra vazio de mundo sem mulheres

cearense Rodger Rogério, que também fez "Bacurau", é quase um estreante no cinema e interpreta com maestria um homem rural simples e calado.

Sua atuação é elogiada pelos colegas, como Ângelo Antônio. "Acho que é um dos trabalhos que mais gostei de ter feito. Talvez eu tenha feito tudo para chegar nesse momento aqui agora, estar com Rodger e esse elenco. É ele é quem me ajudou a ancorar o personagem."

Rodado desde 2019, o filme foi feito com pouco dinheiro. Isso, porém, não afetou a direção de arte ou a fotografia, que exhibe todos os tons do cerrado, a queimada, a terra e a sensação de abandono vivida pelas personagens.

"Tive muitas referências da literatura. Enquanto escrevia, li 'Sagarana' três vezes em sequência. Há uma tentativa de trazer esse universo de Guimarães Rosa de um jeito mais contemporâneo e seco", diz o diretor, que trabalhou com as produtoras Cristiana Mioto, com quem é casado, e Lidiana Reis.

A ausência de mulheres no elenco, com exceção da aparição de Luanni no início, incomoda. Seria feminista um filme que tira mulheres da cena para escancarar a fraqueza masculina e a inaptidão para lidar com emoções básicas? Mas como pode ser feminista um filme sem mulheres no protagonismo? Esses tópicos surgiram no debate sobre a obra, com discordâncias entre as mulheres.

O ator Babu Santana também ficou incomodado no início, quando não encontrou mulheres ao seu lado na frente das câmeras, mas ele mudou de ideia ao olhar para trás. "Nossa equipe tem 70% de mulheres. Eu já fiz bastante produção e nunca tinha visto uma equipe tão feminina, e como as coisas davam certo."

Trata-se de um filme sobre homens que não se encontram e atribuem isso à ausência feminina. Diante da primeira cena de Luiza, parece que elas encontraram coisa melhor para fazer.

O longa disputa o Kikito com "Pasárgada", estreia de Dira Paes na direção, "Cidade;Campo", de Juliana Rojas, "Filhos do Manguê", de Eliane Caffé, "O Clube das Mulheres de Negócio", de Anna Muylaert, "Estômago 2: O Poderoso Chef", de Marcos Jorge, e "Barba Ensopada de Sangue", de Aly Muritiba.

Por Paula Soprana (Folhapress)

O faroeste brasileiro "Oeste Outra Vez" tem uma única e rápida aparição feminina. Luiza (Tuanny Araújo) não tem paciência para a briga infantil entre dois homens que pensam que estão a disputá-la e os abandona sem virar a cabeça nem por um segundo, deixando-os se engalfinhar em socos e chutes. Depois, não há mais atrizes. A ausência feminina, no entanto, é latente e o que norteia a vida vazia dos personagens. Exibido na segunda-feira no Festival de Gramado, o filme de Erico Rassi é um dos mais aclamados por críticos que acompanham o evento gaúcho. A obra está na mostra competitiva com outros seis longas.

Filmado no sertão de Goiás, conta a história de Toto (Ângelo Antônio), um homem abandonado pela mulher que foge na bela paisagem da Chapada dos Veadeiros na companhia de um senhor mais velho, o Jerominho (Rodger Rogério), que se torna seu amigo pela companhia, não pelo diálogo. É um filme silencioso, e por isso os diálogos, quando aparecem, importam.

A história se entrelaça à de outros amargurados incapazes de processar qualquer emoção e de dialogar. A raiva não é a estampa de suas personalidades, bem sensíveis à dor, mas a violência é o único recurso encontrado no raso repertório psicoemocional que têm. Ou se resolve no tiro ou na cachaça.

Essa incapacidade de dialogar, mesmo quando se pretende, é cômica. Os homens são empáticos ao outro, mas o máximo que elaboram em uma conversa é: "Parece que tá melhorando [a perna baleada do amigo]". "Pode ser que tá." "O senhor acha que não?" "Parece que muito, não." "Nem um pouco?" "Um pouco capaz que sim." "Mas muito não?" "Muito capaz que não." Por fim, um silêncio prolongado.

Além de Toto e do parceiro Jerominho, sofrem de resignação Antonio (Daniel Porpino), acompanhado do parceiro Domingos (Adanildo Reis), Durval (Babu Santana) e Ermitão (Antonio Pitanga).

Jerominho, um ex-capataz demitido pres-tes a ser "promovido a jagunço", é coadjuvante da história de Toto, mas talvez o personagem mais marcante do filme. O compositor

# Panteão se abre para Adam Sandler

Aplaudido na Berlinale, o astro mais bem-sucedido da comédia americana desde o fim da década de 1990 é citado com destaque em lista dos melhores filmes dos anos 2000

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**L**istas cinéfilas são sempre polêmicas, sobretudo aquelas com caráter oficial como as da revista “Cahiers du Cinéma”, que sempre propõe um top 10 de iguarias, vide a de 2023, que foi encabeçado por um longa-metragem argentino de quatro horas, dividido em duas partes: “Trenque Lauquen”. O periódico que mais investe em enquetes – sempre das mais polêmicas – é a “IndieWire”, que convoca votantes do mundo todo para opinar em suas votações. Esta semana, a publicação liberou em seu site oficial uma seleção dos melhores filmes da primeira década do século XXI, os anos 2000, assumindo “AI – Inteligência Artificial” (2001), de Steven Spielberg, como seu número 1.

Grandes sucessos de público e quindins da crítica lançados até 2009 foram incluídos pelos votantes, como a trilogia “O Senhor dos Anéis” e o .doc brasileiro “Jogo de Cena” (2007), de Eduardo Coutinho (1933-2014). Curiosamente, o aspecto que mais chamou a atenção do público leitor não foi a diversidade de cineastas lembrados (Claire Denis, Agnès Varda, Spike Lee, Hayao Miyazaki, Sofia Coppola, Lars von Trier, Lucrecia Martel, Ang Lee, Christopher Nolan) mas, sim, a escolha de um ator, muitas vezes associado a uma ideia de mediocridade estética no passado, como um dos destaques das narrativas contemporâneas.



Jens Koch/Berlinale

*Adam Sandler em ensaio forográfico durante sua passagem pela Berlinale. O comediante superou resistências e hoje é visto como um ator cult*

O astro em questão: Adam Sandler. Ele aparece na apuração representado por “Embrügado de Amor”, de Paul Thomas Anderson (Prêmio de Melhor Direção no Festival de Cannes de 2002), e em “Tá Rindo Do Quê?”, de Judd Apatow (de 2009). Essa dupla escolha reflete o reposicionamento de uma das estrelas mais populares do planeta em atividade, que volta à ribalta do audiovisual no próximo dia 27 com a estreia de “Adam Sandler: Love You” na Netflix.

Trata-se de uma versão para as telas de seu espetáculo stand-up, no qual o ator canta e faz piada com aquele seu jeito muito peculiar de atuar. Jeitão este, aliás, que vem arrebatando elogios e prestígio mundo afora (um pouco como aconteceu com Jerry Lewis na virada dos anos 1950 para a década de 1960), ocupando novos e consagradores espaços. Um dos indícios de que ele virou cult foi a inclusão de seu longa mais recente, a sci-fi “O Astronauta” (“Spaceman”) no Festival de Berlim.

Convocado para dividir com George Clooney o protagonismo do novo longa de Noah Baumbach (“Jay Kelly”, já rodado), o comediante, roteirista e produtor de 57 anos participa ainda da nova trama dos irmãos Josh e Benny Safdie, diretores responsáveis por seu trabalho mais badalado nos últimos 20 anos: “Joias Brutas” (2019).

Mas tudo o que tem pela frente ganha um novo e mais respeitável colorido a julgar pela consagração da “IndieWire” e pela boa acolhida ao drama estelar, com aura de ficção científica, exibido em fevereiro na Berlinale. Historicamente conhecido por valorizar tramas de tons políticos (vide “Tropa de Elite”, laureado com o Urso de Ouro de 2008), o evento germânico abriu vaga em sua sessão hors-concours para essa produção, hoje na grade da Netflix, à luz do carisma de Sandler.

“Fico realmente muito feliz com o carinho do público brasileiro. Se ‘Como Se Fosse a Primeira Vez’ passa tanto assim nas TVs de vocês, eu tenho que começar a receber os che-



Divulgação

*Premiado em Cannes, ‘Embrügado de Amor’ integra a lista da IndieWire*

ques por isso”, brincou Sandler em Berlim, em resposta ao Correio da Manhã, ao saber do êxito da comédia romântica que fez com Drew Barrymore.

Com seu espírito zoador, o comediante está desenvolvendo uma sequência de seus longas mais gaiatos: “Um Maluco No Golfe” (1996). O filme pode ser visto na Amazon Prime e ilustra o espírito galhofeiro do ator, que já se arriscou pelas veredas do drama várias vezes, com destaque para o já citado “Embrügado de Amor”, que encantou a “IndieWire”. Em 2007, “Reine Sobre Mim” também explorou sua habilidade de levar plateias ao choro, assim como fez o esquecido “Homens, Mulheres & Filhos” (2014). Sob a batuta de Renck, em “O Astronauta”, ele dá um largo passo além.

Existem muitos pontos de virada no caminho de Sandler, encarado como o mais rentável nome da comédia americana no audiovisual desde 1998, ano do inesperado fenômeno “O Rei da Água”. Um deles foi sua indicação ao Prêmio Anual do Sindicato dos Atrizes e Atores de Hollywood. Ao selecionar as melhores interpretações de 2022 pra cá, o Screen Actors Guild indicou o midas da gargalhada para concorrer à sua estátua pelo bom desempenho dele em “Arremessando Alto” (“Hustle”, 2022), de Jeremiah Zagar. Ele não levou o troféu, mas ampliou seu prestígio. Esse título é um drama esportivo com toques de humor (de leve) hoje que está em cartaz na Netflix.

Muitos personagens de Sandler são furiosos, vide a figura que encarna em “Tratamento de Choque” (2003), mas ele sempre humaniza os tipos que encarna. É por essa humanidade que ele hoje frequenta o panteão das telas.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m meio às primeiras discussões sobre o Brexit, a separação da Inglaterra da União Europeia, a diretora britânica Sally Potter conseguiu o “sim” da nata do cinema europeu – sobretudo, de medalhões de seu país - para rodar um longa-metragem de verve irônica sobre os desgovernos do Reino Unido. O filme se chamou “A Festa” (“The Party”), ficou mais hilário do que ela jamais imaginou e acabou estreando em competição pelo Urso de Ouro da Berlnale, em 2017.

Sete anos depois de sua estreia, desaparecido no horizonte, essa joia retorna pelas vias do streaming mais interessado em narrativas autorais: a MUBI. É o exercício de direção mais elogiado de uma diretora que cravou espaço para si, na Grã-Bretanha e fora dela, com “Orlando, a Mulher Imortal” (1992). Conhecida ainda por “The Tango Lesson” (1997) e “Ginger & Rosa” (2012), a cineasta optou por uma ofensiva política mais explícita, e até suicida.

“Esse roteiro fala da Inglaterra da histeria do Brexit, que opta por se afastar da União Europeia por um golpe retórico calcado na intolerância em relação às diferenças”, disse Sally ao Correio da Manhã em recente entrevista na Berlnale, quando finalizou “Look At Me”, seu trabalho mais recente.

“O que sempre preservou o processo civilizatório foi a mistura de culturas, seja em que parte do planeta. Vencido o medo inicial da barbárie, diante da vinda de estrangeiros, iniciava-se uma nova cultura, mista. Foi assim com os gregos, os romanos, os cristãos medievais. Mas hoje nós vemos Trump avançar. É um sinal de risco”.

Pequeninha em termos de duração (são só 71 minutos, sendo cada um deles mais delicioso do que o outro), “A Festa” leva um humor singular ao [www.mubi.com](http://www.mubi.com). Trata-se de uma comédia em preto e branco precisa em seus alvos políticos, ao mirar na hipocrisia dos ingleses... e de outros povos da Europa e das Américas.

Foi o filme mais ovacionado do Festival de Berlim de 2017, em parte por sua concisão, mas muito por sua habilidade de destilar fel sem perder a elegância. Não há uma frase sequer no roteiro, escrito pela própria cineasta, que não esbanje escárnio, sobretudo por sair da boca da nata do cinema europeu, começando com Timothy Spall (da franquia “Harry Potter”). A seu lado estão astros de distintas gerações e nacionalidades, vide o irlandês Cillian Murphy (“Dunkirk”), as britânicas Kristin Scott



‘A Festa’, de Sally Potter, volta aos holofotes ao entrar para a grade da MUBI, com seu elenco europeu feroz

# A amarga comédia do Brexit

MUBI resgata o cult esquecido ‘A Festa’, comédia de Sally Potter sobre as histerias políticas que separaram a Inglaterra da União Europeia

Divulgação



Thomas (de “O Paciente Inglês”) e Emily Mortimer (do recente “A Livraria”), a americana Patricia Clarkson (de “Vicky Cristina Barcelona”) e o mítico ator suíço Bruno Ganz, o anjo de “Asas do Desejo” (1987), morto em 2019. “Escolhi um grupo de intelectuais combativos para viver um teatro de decepções, capazes de revelar o quanto a esquerda se enfraqueceu na Inglaterra”, disse Sally a este repórter na capital alemã, de onde seu filme saiu com o Guild Film Prize, dado pela imprensa germânica.

Além do tom sufocado do visual P&B, impresso pelo fotógrafo Aleksei Rodionov,

toda as estratégias de direção buscada por Sally em “A Festa” alimentam um clima de claustrofobia. Ambientado em alguns cômodos de uma casa, a trama acompanha as confusões que se instauram durante uma ceia na casa da nova Ministra da Saúde do Reino Unido, Janet (Kristin) no momento em que seu marido, o fragilizado ex-professor Bill (Spall, em genial atuação), faz um par de revelações bombásticas aos convidados. Estão nessa festa: um casal de lésbicas (Cherry Jones e Mortimer); um investidor do mercado financeiro com o nariz inflamado de cocaína, Tom (Cillian); a melhor amiga de Janet, April (Patricia, cujos diálogos são os mais ferozes do filme) e seu namorado germânico, o espiritualista Gottfried, vivido por Ganz numa atuação hilariante.

“O maior trabalho desse filme foi a escalção das estrelas, pois eu passei um tempo atrás de uma trupe bem distinta entre si que pudesse dar seriedade ao riso”, diz Sally. “Rir é a forma de espelhar a loucura. De forma estrutural, ‘A Festa’ é bem objetivo a começar da escolha do título: durante uma hora e onze minutos, tudo o que se vê no filme é uma celebração. Amigos, risos, música, comida. Mas a cada cômodo da casa em que filmamos - por duas semanas, tendo o elenco em peso, inteiro, por apenas dois dias -, os nossos sete convidados vão sendo empurrados por um corredor de tensão e de colisão. Hoje em dia, os filmes andam longos demais, e com pouco a dizer. Ser econômico é uma virtude quando se lida com dramaturgia”.

# O mineiro criou e o carioca adotou

O pão de queijo e suas mais variadas versões

Filtro de Barro/Divulgação



**Sova Fermentação Natural**

**ARTESANOS BAKERY** – Um paraíso para os apreciadores de pães artesanais, a padaria que vem conquistando os cariocas nas unidades de Botafogo e do Recreio, festeja o Dia do Pão de Queijo com uma receita mais que especial. É a porção de Piccolo Formaggio (R\$12), três pãezinhos com queijo gruyère. Rua São João Batista, 26 – Botafogo | Av. Genaro de Carvalho, 1.435 – Recreio. Tel: (21) 99467-1111.

**DARKCOFFEE** – A cafeteria, com unidades no Centro e na Tijuca, oferece desde o clássico pão de queijo até os mais elaborados para comemorar a data. A começar pelo Pão de Queijo tradicional (R\$ 9 – 4 unidades; R\$ 15 – 8 unidades); o Pão de Queijo com Pepperoni (R\$ 16 – 6 unidades) e o Pão de Queijo com Bacon (R\$ 16 – 6 unidades). Centro - Rua São Bento, 29, Lj A - Edifício Porto Brasilis. Tel: (21) 2516-0370. | Tijuca - Rua Santo Afonso, 215, Lj C. Tel: (21) 3854-4115.

**ÉCLAIR CAFETERIA E BISTRÔ** – A chef Milena Sá, que comanda a casa no BarraShopping, transforma todas as datas comemorativas em momentos especiais. E para o Dia do Pão de Queijo não é diferente. A marca apresenta o Pão de Queijo Francês (R\$ 12) – feito com massa choux, acompanhada de creme de queijo. BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Tel: (21) 3556-9808.

**SOVA FERMENTAÇÃO NATURAL** – A casa especializada em produtos de fermentação natural com preparos sem conservantes ou aditivos químicos, oferece dois tipos



**DarkCoffee**

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love)**  
Especial para o Correio da Manhã

O Dia do Pão de Queijo é comemorado amanhã, em 17 de agosto, e nós, do Correio da Manhã, não poderíamos deixar a data passar em branco e preparamos um roteiro com diversas sugestões da receita mais famosa de Minas Gerais. Douradinho por fora e macio por dentro, o pão de queijo é adorado em todo o Brasil. Por aqui, ganhou diversas versões, desde a mais clássica, feita com queijo parmesão ralado até uma opção 100% vegetal, feita com batata inglesa e uma mistura de queijos à base de castanha de caju. Confira abaixo:

Divulgação



**Teva Deli**

Gabriel Ávila/Divulgação



**Artesanos Bakery**

Rodrigo Azevedo/Divulgação



**SuruBar**

de pão de queijo: o tradicional (R\$ 5,50) e o Gougère (R\$ 4), uma espécie de “pão de queijo francês”, com massa choux. Rua Xavier da Silveira, 34 – Copacabana. Tel: (21) 2147-7158.

**O SURU BAR** – O bar da Lapa não vive só de “coquetelaria popular brasileira”. Entre os petiscos criados pela chef Roberta Antonia, o pão de queijo frito (massa com queijo canastra e provolone, servido com melão picante, R\$ 27, 6 unidades) é um dos mais pedidos da casa. Rua da Lapa, 151. Lapa. Telefone: (21) 3591-1524.

**RUDÄ** – Uma das criações do chef Danilo Parah para a

Divulgação



**Éclair**

Samanta Toledo/Divulgação

Tomas Rangel/Divulgação



**Rudä**

seção de entradas do cardápio do restaurante de cozinha brasileira contemporânea, é o Pão de queijo Pardinho (R\$ 45,00) com linguiça mineira, requeijão de corte e barbecue de goiabada. Rua Garcia d'Ávila, 118 – Ipanema. Reservas pelo WhatsApp: (21) 98385-7051.

**TEVA DELI** – A casa oferece um pão de queijo 100% vegetal, feito com ingredientes orgânicos como: batata inglesa, polvilhos doce e azedo e uma mistura de queijos à base de castanha de caju que dão o sabor e a textura surpreendentes. Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1334, Loja A – Tel: (21) 3237-1556.

# O que a folha traduz

Há quantos milhões de anos ele chega, diário como se não houvesse amanhã, pela manhã, cheio de manha, animus, mas há sempre um novo alvorecer.

Chega em boa-nova, aliás, chega-chegando, sempre tentando pular estações, senhor soberano da luz.

Chega em uma geleia telúrica, misto de mineiralidades-mineirais misturadas à ginga-carioca. É Tavito, Beto, Vinícius, Ronaldo, Erasmo, Brant, Lô, Rodrix... Baianidade-santo-amarense de Caê e O Sol nas bancas de revista que lhe encham de alegria, afinal é luz do Astro-rei.

Chega abrindo as janelas do peito e, quem sabe, do quarto de dormir. Pensando em esperar em glórias, aleluias e saravás.

Chega como quem chega do nada, mansinho, ainda cálido, refletindo como um ramalhete multicolor, as tais cores fridakahlianas de Almodóvar e, aos poucos, vai se tornando grandiloquente no trezinho montanhês que avança, em cremalheira o Corcovado ou nas belas montanhas Mineirais, apitando Villas, lobos uivantes em lua crescente.

Chega para molhar os pés nas águas doces da Oxum, para se banhar em suas cachoeiras, jardim primaveril em lírios entre rosas, que exalam perfumes e calam línguas cansadas.

Chega em alvoradas chamejantes, arrebol, às vezes niltoniano, às vezes gutemberguiano, não importa os discos (de preferência vinis), fúcsia, alaranjado ou ciclâmen, não importa a paleta.

Chega, talvez tanto e somente para re-anunciar a psicodélica nova era de Aquário diária, para ouvirmos mais rocks rurais, para mais toda(o)s no lugar de 'eus'.

Chega fazendo alarde, demonstrando que alguma coisa está fora da ordem racional da natureza, que está mais que na hora de olharmos para os céus, de entendermos o Universo. A natureza 'grita' por socorro, pede, implora: "Cuidem de mim!". Que será que anda nas cabeças, anda nas bocas para vilipendiarem com tanto prazer o Planeta? Desmatarem tanto, maltrataram tanto...

Chega, mas o hotel Marina já não acende mais, os inocentes já não veem as bailarinas no Leblon e andar até lá se tornou tarefa árdua, driblando as pedras portuguesas soltas pelo caminho.

Chega nos céus do Brasil. Here comes the sun!

